

# Perdas e apostas na luta contra o silenciamento presente no processo medicalização

Adriana Marcondes Machado  
Departamento de Psicologia da  
Aprendizagem, do Desenvolvimento  
e da Personalidade do Instituto de  
Psicologia da USP  
Email: adrimarcon@uol.com.br

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo estabelecer a relação entre o funcionamento do Fórum sobre a medicalização da educação e da sociedade, (criado em 2010) e o tema que lhe constitui – a luta contra a medicalização –, elegendo alguns desafios que se colocam ao próprio funcionamento do Fórum ao problematizar sobre seu crescimento. Para tanto, serão analisadas algumas considerações realizadas em uma reunião do Fórum, realizada em 2012, cuja discussão foi o seu funcionamento. Tivemos como entendimento que o Fórum adota como direção o critério da criação de vida para criticar a redução dos processos de diferenciação nas formas de viver a quantidades normativas diferenciando-se, dessa forma, de um tipo de pensamento que visa ao “uno”, à ideia totalitária, ao ideal normativo. O desafio de enfrentar a produção de discursos que totalizam a existência implica que o Fórum analise diferentes estratégias tendo como critério para suas escolhas se as ações eleitas somam forças e fortalecem o processo de singularização que tem sido silenciado ao se tomar o corpo como objeto bioquímico.

**Palavras-Chaves:** Fórum, medicalização, criação, apostas.

## Contexto e objetivo

O contexto em que esse artigo foi produzido revela seu objetivo. Ele foi construído a partir da discussão que se deu em uma reunião do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade realizada em setembro de 2012, quase dois anos depois de sua criação ocorrida durante o I Seminário Internacional “Educação Medicalizada: Dislexia, TDAH e outros supostos transtornos”, realizado em novembro de 2010 na cidade de São Paulo. O Fórum tem por finalidade articular entidades, grupos e pessoas para o enfrentamento da intensa medicalização da vida relacionada à expansão da jurisdição da profissão médica para outros domínios em relações de poder que não apenas cerceiam a vida, mas também produzem um tipo de vida. Formas de viver e agir produzidas em um certo funcionamento social tornam-se doenças a serem curadas e, como afirmado no Manifesto do Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (aprovado no lançamento do Fórum), os doentes se tornam pacientes a consumir tratamentos, terapias e medicamentos. Segundo os princípios e desafios presentes nesse Manifesto, o Fórum se posiciona contra os processos de medicalização, defende direitos à saúde e à educação valorizando os princípios presentes

(1) No Plantão Institucional atendemos profissionais de uma mesma instituição ou de um mesmo grupo de trabalho que procuram esse serviço para, em encontros mensais de cerca de 2 a 3 horas, refletir sobre problemas relacionados ao trabalho que exercem. Atuam, nessa modalidade de atendimento, Ana Beatriz Coutinho, Paula Fonseca, Yara Sayão e eu.

na construção do Sistema Único de Saúde, no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Educação Pública. Suas ações visam ampliar o debate sobre o fenômeno da medicalização com a sociedade civil e a academia, esclarecer os riscos do uso abusivo de medicamentos e apoiar estratégias tidas como não medicalizantes.

O Fórum promove reuniões sistemáticas para deliberar e coordenar uma série de pautas: posicionamentos frente a certos acontecimentos, organização de seminários internacionais, participação em eventos etc. Formado por entidades e pessoas, o Fórum realizava seus encontros na cidade de São Paulo. Poderíamos nomear o Fórum, em seu início, como um grupo maior que congregava entidades e pessoas: o Fórum-Grupo. Em setembro de 2012, houve uma reunião do Fórum cuja pauta relacionava-se às mudanças geradas com o crescimento do Fórum. Cerca de dois anos após seu lançamento, o Fórum passou a ser composto por vários núcleos instalados em diferentes cidades e regiões do Brasil sendo que os encontros gerais permaneciam ocorrendo em São Paulo. Nesses dois anos, muitas atividades foram realizadas. Havia uma secretaria executiva do Fórum e para organizar os seminários constituía-se uma comissão organizadora.

Aceitei o convite para participar dessa discussão respaldada na experiência no Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP: há 15 anos temos desenvolvido uma modalidade de atendimento que denominamos Plantão Institucional,<sup>1</sup> em que se enfrenta o desafio de articular os problemas trazidos por grupos de profissionais, as relações e práticas que se estabelecem no cotidiano do trabalho nas instituições, as concepções e formas de pensar que sustentam essas práticas e a forma como o Plantão Institucional funciona na engrenagem da produção dos problemas (Machado, 2007), isto é, há implicações entre o atendimento realizado no Plantão Institucional e as questões trazidas pelos grupos. Interessa-nos problematizar as questões dos grupos que se (re) produzem no atendimento (por exemplo, manutenção de queixas e dificuldade de se criar demanda de trabalho) tendo clareza que o próprio atendimento faz parte do campo dessas produções. Isto é, o dispositivo que criamos deve sempre ser colocado em análise quando problematizamos as questões que lá ocorrem. Assim, podemos pensar que as questões geradas no Fórum, devido ao seu crescimento, colocaram em análise o próprio funcionamento do Fórum.

O primeiro momento desse trabalho com os grupos é conhecer o funcionamento da instituição: sua função, rotinas, agendas, potências e limitações para realizar seus objetivos. Os impedimentos e as dificuldades não são imprevistos e acidentais a serem superados como se isso fosse possível sem a alteração do campo produtor e histórico daquilo que passamos a entender como impedimento. Ou seja, tudo aquilo que se produz (aquilo, por exemplo, entendido como problema ou impedimento) é efeito de conexões e ocorre em uma engrenagem que é expansiva. Para esclarecer a forma como concebemos os impedimentos, precisamos, antes, pensar o que entendemos estar sendo impedido. Do que se trata?

Partimos da concepção de que o movimento da vida se repete em sua tendência de criar vida, ou seja, a vida é entendida como criação de vida. A criação de vida como critério, como indicador, dá direção a nossas análises e desconstruções. A vida é “tendência e a essência de uma tendência é desenvolver-se em forma de feixe, criando, tão-só, pelo fato de seu crescimento, direções divergentes entre as quais distribuirá seu impulso”. (BERGSON, 2005, p. 107) Nesse livro intitulado *Evolução Criadora*, Bergson discutirá o movimento da vida e, nele, a capacidade da inteligência em apreender relações, criar conceitos, mas incapaz de apreender a mudança qualitativa da vida, a criação, que só pode ser alcançada pela intuição. O que nos interessa aqui é articular as formulações de Bergson com a afirmação de que a vida é processo de diferenciação e criação (DELEUZE, 1999) para, então, pensarmos o que impede esse processo.

Entendemos que o Fórum sobre a medicalização da educação e da sociedade adota a criação de vida como critério ao criticar a redução dos processos de diferenciação nas formas de viver a quantidades normativas. Esses processos de diferenciação são impedidos ao mesmo tempo em que são tornados impedimentos, problemas, obstáculos a serem vencidos. Por exemplo, corpos em intenso movimento tornam-se corpos-hiper-ativos-a-serem-acalmados e que causam problemas graves no cotidiano escolar. Dessa forma, os intensos movimentos de um certo corpo (hiperativo) conectados com uma multiplicidade de questões e práticas, têm sido considerados negativos, inadequados. Ora, considerar algo como negativo, inadequado, adequado ou positivo se dá no movimento histórico, social e político das nossas relações. O que cabe, o que não cabe? Como decidir? Baseados em que critérios? Quem decide?

(2) Este artigo está sendo publicado em um número temático da Revista *Entreideias*. Os outros artigos trazem contribuições que nos ajudam a ampliar a análise do que, historicamente, passou-se a denominar de processo de medicalização. Dois livros foram produzidos com os seminários organizados pelo Fórum: *Conselho... e Grupo...* (2010) e *Collares; Moysés e Ribeiro*, (2013).

O desafio posto por essas questões é que elas nos direcionam a uma multiplicidade de práticas às quais nos referimos. Por exemplo, a situação em que um médico precisará decidir qual criança poderá ser curada, porque há apenas um aparelho médico e três pacientes necessitando dele, carrega uma infinidade de temas: a necessidade de mais aparelhos em um sistema de saúde produtor de adoecimento, a responsabilização por uma decisão em que os critérios objetivos são ilusões, os efeitos das decisões tomadas, as vidas dos familiares etc. Portanto, a necessidade de se tomar uma decisão como essa se institui como problema e nos revela questões e práticas. Assim como um corpo tornado hiperativo se institui como problema e também nos revela práticas produzidas historicamente.

A ampliação do Fórum e a formação de muitos núcleos exigiram pensar sobre como agir diante de questões operadas por esse crescimento: como proceder para decidir sobre atividades e temas que geravam controvérsias? O Fórum-Grupo se tornou Fórum-Núcleos. Expandiu. O objetivo deste artigo é estabelecer a relação entre o funcionamento do Fórum e o tema que lhe constitui – a luta contra a medicalização da educação e da sociedade –, elegendendo alguns desafios que se colocam ao próprio funcionamento do Fórum quando temos a oportunidade de nos debruçar sobre seu crescimento. As reflexões a seguir estão embasadas nas discussões que afirmam a história do processo de medicalização atrelada a um discurso médico que passa a predominar no campo social, defendem a necessidade de relacioná-lo a diversos elementos deste campo, tal como as práticas jurídicas<sup>2</sup> e ressaltam o perigo dos reducionismos que podemos operar em nossas análises.

## O crescimento do fórum: continuidades e rupturas

Nessa reunião, em setembro de 2012, vários núcleos do Fórum (de várias cidades e estados do Brasil) apresentaram seus trabalhos, suas composições, seu funcionamento. Aproximadamente 30 pessoas participaram desse encontro. Foi pedido que, na medida do possível, fosse relatado o que cada núcleo entendia como sendo as potências e limitações de suas organizações. Os relatos foram feitos durante três horas (uma manhã de sábado) e algumas perguntas e dúvidas foram formuladas no decorrer deles. Foram anotadas informações e considerações, que, logo depois dos relatos, serviram para

subsidiar as considerações apresentadas.<sup>3</sup> Irei, a seguir, discorrer sobre algumas delas.

Nos relatos feitos pelos participantes dos vários núcleos, surgiu o tema da relação do Fórum com outras instituições que não compactuam com ele, deixando claro que o Fórum existe para lutar contra algo: o processo de medicalização. Muitas vezes, esse processo de medicalização estava, nas apresentações, atrelado “aos que medicalizam”. Coloco essas aspas porque a ação das pessoas é engendrada em maneiras de pensar, em práticas, em relações, e estas é que devem ser indagadas para que, ampliando o campo de análise sobre os elementos presentes nos processos de subjetivação, tenhamos mais condições de agir e criar outras maneiras de existir. Vejamos isso em um exemplo. Alguns professores, de uma certa escola rural, dizem que a maioria dos pais e mães das crianças não participa das reuniões de pais há vários anos. Muitas dessas famílias vivem em locais distantes da escola. Resolver o problema da distância parece-nos fácil – organizar transporte que leve os pais para a reunião –, mas há um estranhamento por parte de alguns professores: em outra escola, também rural, pais que vivem distantes participam das reuniões.

Esse estranhamento nos força a pensar que aquilo que é um problema *se tornou* um problema, isto é, vários fatores fizeram com que a distância se tornasse algo em relação ao qual temos que agir. Portanto, é diferente pensar que a distância se tornou um problema (a ser enfrentado) e pensar que a distância é o problema. Assim, se a distância se tornou um problema, temos que agir nela, mas, para que ela se tornasse um problema, outras coisas tiveram que estar conectadas. Se ela fosse a única causa de si, quem sabe há mais tempo alguém (pai, mãe, professor) tivesse reclamado por transporte, mas, se ela se concretizou como problema, há um tempo, impedindo o encontro de pais, mães e professores em uma certa reunião, é porque esse impedimento pode estar atrelado a outras coisas: a falta de sentido em ir à reunião, o silenciamento dos pais na relação com a escola, o terreno montanhoso que dificulta o acesso, o cansaço etc. O perigo é, ao conseguirmos transporte, termos a ilusão de que essa, necessariamente, seria a única questão a ser resolvida e, com isso, se os pais se mantiverem ausentes, concluir que o problema seria apenas relacionado a eles. Portanto, pensar “aqueles que medicalizam” deve permitir que acessemos

(3) Essa reunião, ocorrida em 15 de setembro de 2012, foi gravada e transcrita por Eduardo Freitas Prates e Lygia de Sousa Viégas. A transcrição, transformada em um texto, foi discutida pelos membros do Fórum no primeiro semestre de 2013 e subsidiou o presente artigo.

um campo múltiplo e intensivo de fatores que construíram o que foi denominado como “aqueles que medicalizam”.

Voltemos ao Fórum: ele fez nascer Fóruns. A palavra “nascer” foi usada nas apresentações dos núcleos. Alguns disseram: “nascemos do Fórum”, “o Fórum fez nascer fóruns” (escrevo “fóruns” com letra minúscula no sentido de “fóruns de discussão”). Dessa forma, poderíamos pensar que o Fórum é a soma dos fóruns e fez nascer outros fóruns. A construção de um desenho para um Fórum que reúne fóruns era o foco da discussão naquele momento. O Fórum fez nascer fóruns por conta da necessidade de organização, para somar forças. A ampliação de forças também é resultado de um certo contágio que essa luta propaga. Portanto, entendo que o critério para qualquer decisão desse grupo deveria ser se a ação em questão soma ou diminui forças. Forças para quê? Para afirmar a singularidade das experiências, o que não ocorre quando se reduz essas experiências a um rótulo. Pode haver divergências sobre se uma certa decisão estaria servindo para somar ou perder força, mas não deveria haver divergências quanto a este ser o critério: a decisão, por certa ação, deve somar forças e fortalecer o processo.

Muitas situações nos convidariam a pensar em falsas oposições, pois conforme as experiências que temos, somos atravessados por possibilidades diferentes. Mas, ao analisarmos bem algumas situações aparentemente contraditórias, percebemos que podem estar lutando para uma mesma direção. Lembro-me de uma colega que trabalhava em uma maternidade com adolescentes grávidas e lutava para que essas meninas-mulheres se tornassem mães, e uma outra colega que trabalhava em uma Casa Abrigo, lutava para que houvesse maiores facilidades para que as mulheres deixassem de ser mães, antes de acontecer situações de descuido e violência para com os filhos – ambas articulando sua luta a favor da saúde: saúde como construção de uma vida que perante as adversidades crie formas de agir que potencializem a existência. Portanto, aparentemente, pareceria que essas duas profissionais estariam lutando por objetivos diferentes, mas, ao contrário, ambas visavam fortalecer uma vida que não fosse impotente e contrariada, nos termos de Canguilhem (1995).

Essa questão, da composição de forças, nos faz pensar no seguinte desenho: há um Fórum, ou então um Fórum inicial, em 2010, que vai se irradiando e se articulando com outras instituições e pessoas. Nesse processo há a concepção de que “eu sou Fórum”,

por exemplo, eu, Adriana, sou signatária do manifesto escrito pelo Fórum em final de 2010, portanto eu sou Fórum<sup>4</sup>. O Fórum estabelece uma relação com o fora que, me parece, pode contrariar a relação que se estabelece com um ideal para todos, com *uma* certa ideia que deveria ser a ideal. A luta do Fórum é contra um tipo de pensamento que visa ao “uno”, à ideia totalitária, ao ideal normativo, mas ele foi crescendo e, também aqui, foi crescendo algo que podemos denominar de discurso uno. Esse é o perigo. O processo de medicalização é discursivo, é afeto, sensação, modo de vida, são vários aspectos envolvidos, não é uma totalidade fechada, não é *una*. Portanto, como ter um discurso não medicalizante contra a medicalização?

Podemos afirmar que o discurso da medicalização é totalizante: nomeia um funcionamento, coloca-o referendado à norma, diz “assim não!”. Temos nós, também, necessitado de afirmações certas: “este projeto de lei, não”, “essa forma de pensar, não!”. A questão, como no exemplo da necessidade de transporte para que os pais fossem à reunião, é entender que, se conseguimos algo, por exemplo, que um certo projeto de lei não seja promulgado, algumas tendências que não foram viabilizadas por ele se conectarão com outros fatores que vão fazendo com que haja uma reorganização do campo. Pode ser que essas conexões se estabeleçam até uma outra ação ganhar consistência, outro projeto de lei, outra instituição que toma o corpo-hiperativo como algo a ser acalmado. E essas conexões são constituídas na fronteira. Explico-me. Temos uma luta que é uma luta “do contra” e “do a favor”, necessária, e temos uma outra que é uma luta “de fronteira”, que percebe a multiplicidade de questões presentes em uma certa ação que ganhou consistência. A fronteira diz respeito às lutas micropolíticas, aos encontros em que novas práticas e forma de viver se fabricam. Essa luta está, também, em nossos locais de trabalho e em cada um de nós.

O Fórum-Núcleos foi crescendo, assim como também, as instituições que tomam a adolescência como um período de desenvolvimento psiquiátrico e a química como resolução de conflitos. Em ambas as direções uma palavra se faz presente: “cuidado”. Os reducionismos e silenciamentos operados por práticas que reduzem o corpo ao bioquímico são operados por pessoas que dizem “nós cuidamos” e as pessoas que compõem o Fórum, também dizem, “nós cuidamos”. Ambos os campos dizem fazer aquilo que o outro não faz: “o outro não cuida”. O Fórum luta contra algo, como escrito

(4) No livro *Pistas do método cartográfico* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009) os organizadores relatam, na apresentação do livro, o lema que uma nova esquerda internacional pautava no I Fórum Social Mundial em Porto Alegre (2001): “Tô fórum”.

nos princípios do manifesto e, dessa forma, disputa certos conceitos. Para pensar a relação entre o que entendemos como sendo o que é do Fórum e o que não é dele, tomemos essa palavra/ideia: “cuidado”. Imaginemos um exemplo: alguém com dificuldades para dormir toma um indutor do sono, dorme melhor e isso tem potencializado a criação do movimento do corpo, mudanças na forma de viver, a revisão da rotina. Outra hipótese: tomar o indutor do sono resulta em que não se precise mais movimentar e pensar o corpo, podendo-se continuar trabalhando sentado o dia inteiro, sem precisar mudar nada, pois agora o sono acontece. Assim, o indutor do sono, em si, não pode ser um problema, só que o seu excesso nos convida a pensar que as vidas não estão sendo vistas em seu movimento de produção: que vida se produz que dificulta dormir? Ora, existem práticas que defendem que tomar o indutor de sono é cuidar, pois isso possibilita um bom dia a dia. Outras defendem que cuidar implica muitos fatores, outros equipamentos, esporte, movimento, reflexão sobre o contrato de trabalho e, sabemos, tudo isso demanda tempo, dinheiro, espaço, ação política. Todos os núcleos comentaram sobre a necessidade de recursos, pois o trabalho exige muitas coisas difíceis de serem conseguidas. Tomar o remédio e isso melhorar a vida cansada que não consegue dormir tem um perigo: calar as questões que estão na engrenagem desse problema, questões que nos remetem a várias lutas.

Portanto, é possível diferenciar o que cada uma dessas linhas entende o que deva ser cuidar. O Fórum defende que cuidar da criança com corpo-de-intensos-movimentos, implica pensar e agir em vários âmbitos: do tempo sem praça pública ao currículo sem tempo na escola.

Uma das estratégias apontadas para intervir na maneira de pensar considerada “contra o Fórum” foi ocupar: pedir pauta, pedir voz, estar nos lugares onde as conversas ocorrem. Outra estratégia que apareceu é cartografar forças. Acho interessante pensar que, embora a palavra cartografia nos convide a pensar num mapeamento-conhecimento, ela implica um elemento diferencial. Falarei disso a partir de um exemplo. Não é raro conhecermos certas situações muito difíceis e que puderam ser movimentadas: uma professora diz que uma certa mãe não sabe cuidar da filha e justifica que esse é o motivo pelo qual esta não faz as lições e não aprende. Essa forma de pensar aparece como um preconceito em relação à família dessa aluna. A professora diz de forma imperativa: a aluna não aprende



por causa da mãe. E, muitas vezes, nós ouvimos de forma imperativa: a aluna não aprende por que a professora é preconceituosa.

Essa professora relaciona o aprendizado da criança aos acontecimentos da vida familiar. Há relação. Mas, nesse exemplo, ocorreu que depois de certas conversas e experimentações com essa aluna e com essa professora, essa situação se alterou. O que importa aqui é ressaltar que a fala inicial da professora é ocasião para acessarmos muitas questões presentes naquilo que se instituiu como discurso (assim como no outro exemplo acima, o problema de falta de transporte é ocasião para pensarmos outras questões, tal como a falta de sentido em ir à reunião de pais). Cartografar, então, não é conhecer o outro, mas conhecer algo que só se dá em relação, no encontro. O que se dá no encontro de relações de forças? A criação de realidades. Portanto, a cartografia tem como objeto um “conhecer que é fazer, criar realidades de si e do mundo” (Passos e Barros, 2009, p.30). Ela é uma intervenção na realidade. Cartografar o plano em que a fala da professora se opera é habitar o processo de produção em que essa fala se constitui, criando situações que alterem as relações (de forças). Aprendemos com Foucault que o poder é exercício, é ação. Portanto, conhecer implica participar do movimento das relações de forças.

Assim sendo, a cartografia nos remete a uma direção ético-política: para um fenômeno se alterar, é necessário haver mudança na composição de forças e, portanto, alteração na relação. Ora, por isso nosso desafio fronteiriço: como afetar? Em relação às mulheres, mães de crianças cujos filhos foram diagnosticados como tendo dislexia, que afirmam que esse diagnóstico possibilitou um tratamento e um melhor rendimento na escola, elas trazem uma aposta, uma estratégia, pois querem que os filhos estejam melhores. Como contá-las esse campo? Cartografando forças, desenvolvendo estratégias contra aquilo que tem silenciado os processos de diferenciação. Portanto, nos debatemos com esses processos que, no limite, nos convidam a nos diferenciarmos.

Uma forma totalitária silencia processos de diferenciações e divergências. Podemos distinguir aqui a criação de campo comum *versus* essa outra forma que visa ao silenciamento, pois cala a necessidade de se pensar o processo de produção. Como se silencia? Com a química. A mesma química que libertou tantos pacientes do aprisionamento do sintoma. A mesma química que cura tantas doenças. Os textos de Guattari nos apresentam a impossibilidade

de nos pensarmos sem a química. Não existe isso, pois nossa subjetividade é química, assim como é política, é eletricidade, é música –, por isso a ideia de máquina. Não somos contra a química e nem contra os remédios ou a eletricidade. Somos contra eletrochoque, excesso de medicação, atendimento malfeito e sem tempo, abuso de poder, um sistema de saúde pautado no lucro e uma prática que não interroga os condicionantes históricos na produção dos fenômenos.

A partir do que dissemos, podemos, então, visualizar uma luta cuja política é a criação de um campo comum pensado como aquilo que gera as diferenças, que aumenta o grau de abertura para a própria potência de criação. Isso requer um exercício constante de estranhamento, composição, escuta e debate em que se tenha como objetivo acessar a multiplicidade de questões presentes em uma realidade que se instituiu. Acho que essa é a força do Fórum: lutar contra a medicalização é lutar contra a produção de verdades sobre o outro que mantém um ponto de vista criado por relações de poder e saber em que as variações das experiências são totalizadas. Essa totalização cria *uma* forma de pensamento alicerçada por uma verdade: só seria verdadeiro quem pensasse de *uma* forma. Por isso a necessidade de revisitarmos nossas ações e falas para nelas investigarmos o perigo da produção do *uno*.

Em um dos *powerpoints* apresentados hoje, estava escrito como problema: “medicalização da criança”. Essa formulação convida a pensar questões diferentes do que “medicalização no cuidado com a criança”, porque o cuidado e a medicalização se encontram, se diferenciam, se constituem no movimento da história, enfim, se misturam. A medicalização se refere a formas de funcionamento da sociedade e constitui processos de subjetivação. Em nossas falas, medicalizar se tornou uma ação, um verbo. Ao tornar-se verbo, passamos a produzir frases e ideias em que parece que poderíamos escolher realizar ou não essa ação: medicalizar ou não alguém. E que poderíamos pensar que alguém está medicalizando e caberia não fazê-lo. Temos que tomar cuidado quando a luta se torna uma palavra de ordem que nos impede de agir na fronteira.

A função do Fórum e dessa discussão é de ampliação, de criação de comum (criação e não busca de um comum a ser descoberto). Arquitetos que planejam locais para formação de lideranças de movimentos sociais projetam salas que devem se dirigir para um lugar comum. Assim, a arquitetura cria lugar comum. Quais nossos lugares comuns? O Fórum deve ter mais ou menos 2.000

pessoas vinculadas e 100 trabalhando. Talvez uma estratégia seja, nos territórios, investigar um problema que é comum (que não é o excesso de medicação, mas o pensamento que produz excesso de medicação), que produz a individualização e o isolamento (o pensamento do *uno* isola). Assim, o Fórum pode se expandir ao incluir outros campos, para além da questão da saúde.

O Fórum visa a combater a lógica que cala tensões e, se esta instituição lida com o tema das tensões, elas são uma oportunidade para aprendermos as dificuldades que se operam quando elas acontecem. Às vezes isso é tão difícil, que ficamos com vontade de calá-las. Penso que é tenso esse momento atual do Fórum e exercitar, pensar e viver as tensões é, exatamente, o que o Fórum propõe como vida ao defender que as situações conflituosas necessitam de processos de discussão e criação, e não de silenciamento.

O inimigo do Fórum é aquilo que cala e, o que cala tem relação com o medo: medo de perder. Quando uma professora entende que as crianças estão perdendo a possibilidade de aprender matemática porque há alunos com transtornos graves que atrapalham a aula, lutamos para que currículos sejam criados, com outros tempos, outros espaços. Contudo, criar currículo implica mudanças que geram perdas, por exemplo, os meninos talvez tenham que sair dessa sala em alguns momentos, talvez haja outras divisões entre os alunos da classe. Entendo quando defendemos que isso tudo não seja perda, seja mudança, seja criação de ideias. Mas, gostaria de enfatizar esse elemento que também está presente, a perda, por um motivo que explicitarei a seguir.

Nessa situação acima, há muitas dificuldades para serem vividas – ser mãe de um aluno que não está aprendendo bem devido a um colega que atrapalha a sala de aula, ser mãe do aluno que tem algum comprometimento, ser professora dessa escola – perdas. Por que estou falando de perder? Porque nossa aposta diferencia perder de enfraquecer. Perder pode deixar a gente triste, brava, com dúvidas, indignada, mas não enfraquece. O que nos enfraquece? Aquilo que impede os processos de diferenciação, que torna a vida menos potente em sua capacidade criativa. Essa é a diretriz, portanto: nós somos a favor de perdas, rupturas, movimentos, desde que sejam em nome de algo que está acima de nós, que são os princípios articulados à criação de vida. O pensamento *uno* defende: Não precisa perder! Para que perder sono? Toma indutor! Para que viver perdas que ocorrem quando não estamos adaptados? Toma

remédio! Para que perder tempo pensando em como mudar a vida e a alimentação? Faz uma cirurgia! Não podemos perder. E não é raro a mensagem publicitária: há gente que não está perdendo e você poderia ser uma delas!

Assim, se não podemos perder aquilo que somos, reduzimos a nossa capacidade de criação de vida. Colocaremos nossa energia em quê? Uma coisa é colocar nossa energia para a expansão da vida, outra é colocar nossa energia para não perder, para o negativo: viver para não perder. O exemplo do menino que, ao conviver com colegas com comprometimentos, tem sua aprendizagem comprometida é tenso, pois queremos que todos aprendam matemática, queremos que as crianças com comprometimentos estejam na escola, mas isso não se faz sem perdas, sem mudanças difíceis, na vida daqueles que convivem com essa situação que é produzida historicamente e dentro de contextos singulares. E estas mudanças podem fortalecer. Fortalecer o quê? A capacidade de diferir.

Uma coisa é pensar a diferença como característica humana – “sou diferente de fulano” –, outra é pensar em processos de diferenciação, transformações, em que há perdas, rupturas, criações: deixa-se de ser o que se era. Cada um de nós carrega a potência de se diferir. Criar comum implica diferir. O processo de diferenciação para o qual o Fórum se abre é uma direção ética: é abertura, expansão. O Fórum-Grupo, com encontros em São Paulo, tornou-se Fórum-Núcleos, com encontros em várias regiões e, agora, talvez esteja se constituindo em Fórum-Movimento.

As apostas exigem cuidados, pois, quando há apostas, há riscos, por isso, o cuidado deve ter como parâmetro o que foi apontado acima: se as ações escolhidas fortalecem o movimento, animam a luta. Parece-me que o Fórum é muito cuidadoso em relação às apostas, o que é muito interessante, mas o desafio é que o cuidado não impeça as apostas. Elas têm relação com a criação de formas de existir e, portanto, com um movimento capaz de instituir e rachar as formas instituídas tendo em vista aquilo que possa fortalecer a singularidade, fruto de uma evolução que é criadora. Nesse sentido, o Fórum exerce aquilo que tem sido desafio na luta contra a medicalização da educação e da sociedade: rachar as formas (DELEUZE, 1992) para que novas formas se produzam. Pensar o que impede a criação de vida exige considerarmos o processo de constituição do que se instituiu como forma de viver e pensar, os limites do instituído e a necessidade de instituir.

## Bids and losses in the fight against the silence in the medicalization process

**Abstract:** This article aims to establish the relationship between the operation of the Forum on Education and Society Medicalization (established in 2010) and the theme that shapes it - the struggle against the medicalization. This relationship will be established by electing some challenges which are imposed to the proper functioning of the Forum when its growth is discussed. For this, we will analyze considerations from a Forum meeting held in 2012 that had its functioning as the main agenda. We understand that the Forum adopts as a target the life creating criteria to criticize the reduction of differentiation processes in ways of living to normative amounts. Thus, differentiating itself from a thought that seeks the "Uno", the totalitarian idea, the normative ideal. The challenge in facing the speeches that totalize the existence implies to the Forum to analyze different strategies taking as a criteria for their choices if the actions elected join forces and strengthen the individualization process that has been muted when the body is taken as a biochemist object.

**Keywords:** Forum, medicalization, creation, bet.

## Referências

BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 398 p.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 307 p.

COLLARES, C; MOYSÉS, M. A.; RIBEIRO, M. (Org.) *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; GRUPO INTERINSTITUCIONAL QUEIXA ESCOLAR. *Medicalização de crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais e doença de indivíduos*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2010.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999. 139 p.

DELEUZE, G. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

MACHADO, A. M. Plantão Institucional: um dispositivo criador. In: MACHADO, A. M.; FERNANDES, A. e ROCHA, M. *Novos possíveis no encontro da Psicologia e da Educação*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2007, p.117-144.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

---

Recebido: 04/02/2014. | Aprovado: 10/02/2014.